

HISTORIOGRAFIA

ABSTRACTS

BIBLIOGRAPHY

- Buttinger, Joseph (1958). *The Smaller Dragon: A Political History of Vietnam*. New York: Frederick A. Praeger.
- Campeau, Lucien (1979). 'Le voyage du Père Alexandre de Rhodes en France 1653-1654', *Archivum Historicum Societatis Jesu*, XLVIII, pp. 65-85.
- Carmo, Paulo. 'A morte de Pedro Velho, um fundador de Macau', in *Macau*, III série, no. 12 (Novembro 2002), pp. 45-55.
- Dehergne, Joseph (1973). *Répertoire de Jésuites de Chine de 1552 à 1800*. Rome-Paris: Institutum Historicum S. I.
- Héduy, Philippe (1998). *Histoire de l'Indochine. La perle de l'Empire, 1624-1954*. Paris: Flammarion.
- Hung, Nguyen Tan (2011). *Le Viêt Nam du XVIIe siècle: Un tableau socioculturel*. Paris: Les Indes Savantes.
- Larre, Claude (1961). *Alexandre de Rhodes (1593-1660)*. Saigon: Centre Alexandre de Rhodes.
- Maggs, Barbara Widenor (2000). 'Science, Mathematics, and Reason: The Missionary Methods of the Jesuit Alexandre de Rhodes in Seventeenth-Century Vietnam'. *Catholic Historical Review*, LXXXVI, pp. 439-458.
- Mourão, Isabel Augusta Tavares (2005). *Portugueses em Terras do Dai-Viêt (Cochinchina e Tun Kim)*. Macao: Instituto Português do Oriente / Fundação Oriente.
- Nguyen Thi Ha Thanh. 'European Trade on the Far East and the Mercantile Relationship with Vietnam from the 16th to 19th Century'. *Japanese Institutional Repositories Online*, 2009-03-31, Institute for Cultural Interaction Studies, Kansai University (ICIS), pp. 353-366.
- Phan, Peter C. (1998). *Mission and Catechesis. Alexandre de Rhodes and Inculturation in Seventeenth-Century Vietnam*. New York: Orbis Books.
- (2000). 'Doing Theology in the Context of Mission. Lessons from Alexandre de Rhodes, S.J.'. *Gregorianum*, 81, 4, pp. 723-749.
- Pina, Isabel (2007). 'Manuel Dias Sénior'. *Bulletin of Portuguese-Japanese Studies*, 15, pp. 79-94.
- Rhodes, Alexandre de (1651). *Dictionarium Annamiticum Lusitanum et Latinum*. Rome: Propaganda Fide.
- (1653). *Divers voyages et missions du P. Alexandre de Rhodes en la Chine et autres royaumes de l'Orient, avec son retour en Europe par la Perse et l'Arménie*. Paris: Jean and Gabriel Cramoisy.
- (1854). *Voyages et Missions du P. Alexandre de Rhodes de la Compagnie de Jésus*. Edited by Auguste Carayon. Paris: Julien, Lanier et Cie. Editeurs.
- Roland, Jacques (2002). *Pionniers Portugais de la linguistique Vietnamienne*. Bangkok: Orchid Press.
- Smith, Ralph B. (1967). 'Sino-Vietnamese Sources for the Nguyen Period: An Introduction'. *Bulletin of the School of Oriental and African Studies*, 30, 3, pp. 600-621.
- Torralba, Eduardo (1960). 'La date de naissance du Père de Rhodes: 15 mars 1591, est-elle exacte?'. *Bulletin de la Société des Etudes Indochinoises*, 35, pp. 683-689.
- Weber, N. (1912). 'Alexandre de Rhodes'. In *The Catholic Encyclopedia*. New York: Robert Appleton Company.
- Whitemore, John K. (1994). 'Cartography in Vietnam'. In *The History of Cartography*, vol. 2, Book 2 – *Cartography in the Traditional East and Southeast Asian Societies*, edited by J. B. Harley and David Woodward. Chicago: Chicago University Press, pp. 479-508.
- Zwartjes, Otto (2011). *Portuguese Missionary Grammars in Asia, Africa and Brazil, 1550-1800*. Amsterdam: John Benjamins.

RESUMOS

Mo Yan: Um Intelectual do Campo, da Terra Natal e do Mundo

Este artigo constitui uma incursão pelo percurso literário de Mo Yan, abordando a temática da sua obra, que normalmente tem como cenário o mundo rural da sua terra natal, e a sua escrita muito exuberante, enérgica e simultaneamente altamente metafórica. Socorrendo-se da tradução literária chinesa e das tradições orais populares, “com uma mescla de fantasia e realidade, de perspectiva histórica e social, Mo Yan criou um mundo que recorda na sua complexidade o dos escritos de William Faulkner e de Gabriel Garcia Marquez”, como reconheceu a Academia Sueca ao atribuir-lhe, em 2012, o Prémio Nobel da Literatura. [Autor: Qiu Huadong, pp. 12-20]

Peito Grande, Ancas Larga: Notas de Leitura

Segundo Mo Yan, um romance não copia a realidade, inventa uma linguagem própria. Recriando personagens através das mais alucinadas metamorfoses, Mo Yan é por vezes comparado aos autores latino-americanos do chamado “realismo mágico”, mas os grandes mitos e metáforas que percorrem a sua obra são recorrentes nas escritas de todos os tempos e culturas. Entretecendo as vivências da sua infância com uma poderosa torrente ficcional, o polémico livro *Peito Grande, Ancas Largas* tem como personagem central o filho único de uma mulher, que só engendrava filhas, e de um missionário estrangeiro. Tiranos e bandidos ensanguentam a terra, num saga que inverte o destino sagrado da terra, como mãe que nutre e acalenta. É a Mãe – o seio materno – que vai ao longo das 600 páginas do livro dar corpo à forte significação simbólica que o título já veicula. Cruzando tradições e crenças com o povo real, animais lendários e estranhas visões, o texto de Mo Yan vai relatando ora rituais de iniciação, ora ritos fúnebres. Actos de guerra maculam a natureza, ela também mãe comum, tudo nivelando, digerindo, regenerando e redistribuindo, num extenso e vivo

painel que me conduz a visitar metáforas semelhantes na obra de outros autores e, finalmente, a uma reflexão de Saramago sobre as visões de Santo Antão de Hieronymus Bosch. [Autora: Fernanda Dias, pp. 21-33]

A Língua Secreta da Carta de Lu Si-Yuan em *Nocturno em Macau*

Categoria particular do silêncio, o “segredo” (segredo) pode aproximar-se do enigma, do mistério, do inacessível, do inexprimível. Se, por vezes, se lhe atribui o sentido de “ocultado da vista”, o segredo pode também aparecer como algo de ilegível ou de indecifrável. Na obra de Maria Ondina Braga, o objecto é o símbolo por excelência do silêncio expressivo que acompanha o seu trabalho labiríntico e incansável de “decifradora” dos seus próprios enigmas. Depurando ou descodificando de certo modo o sentido do não dito, o objecto reconforta e libera o personagem que o utiliza como símbolo, ao mesmo tempo que preserva o pudor necessário a esse desenlace. A carta, e em particular a carta de amor, desempenha, neste contexto, um papel particularmente relevante. Em *Nocturno em Macau*, este objecto, por intermédio do olhar do narrador ou do personagem, desprende-se da sua realidade própria, permitindo uma leitura alheia às palavras que nele figuram. Graças a um jogo de encaixes sucessivos de esconderijos e de segredos de que ela se torna alvo, a carta de Lu Si-Yuan constitui uma peça de extraordinária importância neste romance. À imagem da intriga nele tecida, só os signos suspensos de uma língua secreta parecem, nesta missiva, dignos de interesse. [Autora: Filomena Iooss, pp. 34-43]

Macau, Cidade Multicultural? Marcas de Multiculturalidade em *Os Dores* de Henrique de Senna Fernandes

Fruto da mobilidade e comunicação transnacional e transcultural, as relações pessoais estabelecem-se quer

presencialmente, quer pela comunicação digital, com benefícios de enriquecimento cultural mútuo. Contudo, as relações de proximidade e coexistência nem sempre são tão simples, o que tem criado problemas adicionais às sociedades com diversas culturas em presença, sem que as teorias e as políticas de multiculturalismo tenham conseguido apresentar soluções de consenso. Macau, cidade com uma diversidade cultural cada vez mais acentuada e rica, prima pela coexistência pacífica entre culturas, apresentando, contudo, problemas sociais e estruturais que, de acordo com alguns estudiosos e autores literários, são antigos, tendo vindo a agravar-se com o desenvolvimento económico a que se vem assistindo nas duas últimas décadas. A obra em análise, *Os Dores*, de Henrique de Senna Fernandes, mostra-nos uma Macau, de meados do século xx, como lugar de encontros e desencontros entre pessoas de diferentes culturas e uma teia de relações onde está presente o Outro visto como uma alteridade que nos obriga a questionar-nos sobre nós e os que conosco convivem num espaço pródigo de significados sociais. [Autor: Fernando Manuel Margarido João, pp. 44-57]

O Oriente e o Silêncio na Poesia de Rui Rocha

A poesia de Rui Rocha, no seu livro *A Oriente do Silêncio*, demarca-se de grande parte do discurso poético escrito em português nos últimos anos. O olhar que o autor lança sobre o Outro e a Natureza não se inscreve naquilo que é hoje a produção poética de portugueses, brasileiros e africanos de língua oficial portuguesa. Neste artigo clarifica-se esse solo matricial de que a poesia de Rui Rocha emana. Estabelecem-se igualmente alguns paralelismos desta obra com dados pensadores ocidentais nomeadamente Hildegarda de Bingen, S. João da Cruz e Eckhart. Distingue-se também esta escrita quer da de poetas portugueses de cariz orientalista, como Camilo Pessanha, quer de poetas que usando

RESUMOS

a matriz oriental ao nível formal não se desvincularam de toda uma multiplicidade de vivências e visões assumidamente ocidentais. Por fim, a poesia de Rui Rocha é analisada quanto à sua imagética, quanto aos seus principais nós temáticos e aos procedimentos estilísticos de que se socorre, para que a obra se apresente, no seu todo, como uma unidade orgânica dotada de sentido. [Autor: Victor Oliveira Mateus, pp. 58-63]

Mares da Língua Portuguesa: O ‘Poema do mar’ de Jorge Barbosa

“Poema do mar” dá voz ao ideal da “terra-longe” e ao “querer bipartido” do poeta cabo-verdiano mais desencantado frente à terra amada. Jorge Barbosa (1902-1971) foi, juntamente com Baltasar Lopes e Manuel Lopes, uma das figuras de proa da *Claridade*. O aparecimento desta revista, em 1936, define o moderno movimento cultural cabo-verdiano que, consciente da sua unidade cultural, pretendia romper a subalternidade que o cingia à temática europeia, libertando o acto criador de tão colonial alienação. Tal como Manuel Lopes, Barbosa é também o poeta do mar, que teme e deseja paradoxalmente a *hora di bai*, prisioneiro e cantor da total insularidade. O mar omnipresente “dilata sonhos e sufoca desejos” (“O Mar”), na cosmovisão cabo-verdiana, nessa estreita relação entre a paisagem física e as dúvidas filosófico-existenciais em que os poetas da *Claridade* basearam a sua poesia. Mas no “Poema do mar” não há sequer a hipótese da partida compreendida em “Solilóquio junto do mar parado” ou em “Poema de quem ficou” de Manuel Gomes, o mesmo autor de *Chuva Braba*, “pequena obra-prima da novelística isleña”, nas palavras de Vitorino Nemésio. Em “Poema do mar”, o fatalismo estático e abúlico de Jorge Barbosa cobre irremediavelmente todo o seu *Arquipélago*. [Autora: Clara Sarmento, pp. 64-68]

José Eduardo Agualusa e Luís Cardoso em Macau: Algumas Reflexões sobre a Lusofonia

Vários autores, editores, tradutores, jornalistas, músicos, cineastas e artistas

plásticos portugueses e chineses participaram em Março de 2013 na 2ª. Edição do Festival Literário de Macau – Rota das Letras, apostado em dar visibilidade e expressão na área cultural à desejada aproximação e cooperação entre a China e os países de língua portuguesa, através de Macau. Os artistas trouxeram consigo, entre outras coisas, a problematização do conceito de “escritor lusófono”. De entre eles, o angolano José Eduardo Agualusa e o timorense Luís Cardoso discutiram a sua relação com a lusofonia e a sua visão sobre as literaturas de matriz lusófona. Este artigo pretende explorar as perspectivas e o papel que dois escritores tão diferentes quanto estes, amplamente citados como “escritores lusófonos”, têm e podem ter na problematização do conceito. Para tal, será feita uma breve apresentação dos autores e respectiva obra, perspectivado o conceito de lusofonia e transcritas citações da conversa havida. [Autora: Ana Paula Dias, pp. 69-76]

A Traduzibilidade da Poesia Chinesa para Português e para as Línguas Ocidentais

O presente artigo apresenta alguns aspectos da tradução da poesia chinesa para as línguas ocidentais e discute a necessidade de (i) delimitar o *tempo* e o *espaço* da língua e cultura chinesas e (ii) reconhecer algumas peculiaridades da tradução da poesia clássica chinesa. Para isso, inicialmente serão feitas algumas considerações sobre as *línguas chinesas* e a necessidade de as situar nos seus próprios *tempo* e *espaço*. Em seguida, haverá uma revisão do que tem sido discutido por alguns teóricos orientais e chineses acerca da possibilidade da tradução poética e da tradução da poesia chinesa para as línguas ocidentais. [Autor: Júlio Reis Jatobá, pp. 77-85]

Carlo Spinola e as Suas Tentativas para Alcançar as Índias

Este artigo pretende fornecer um relato historicamente contextualizado e detalhado das duas viagens marítimas de Lisboa a Macau, que tiveram lugar entre 1596 e 1600, tendo o jesuíta italiano Carlo Spinola como protagonista.

De forma a seguir estas deslocações de Spínola, toma-se por base a descrição que ele redigiu para o Superior Geral da Companhia de Jesus, embora se recorra também a outros manuscritos da época e a fontes impressas. As viagens da “Carreira da Índia” são um fascinante tópico da expansão portuguesa, e o assunto torna-se ainda mais interessante quando ligado aos naufrágios. A viagem de Spinola a bordo da nau *S. Francisco* começou como era habitual em Lisboa, na Primavera de 1596. Mas, devido a imprevisíveis percalços, o jesuíta italiano não alcançou Goa no fim desse ano, como ansiava. Antes de pisar solo da Índia Portuguesa, o que só aconteceu de facto em 1599, foi obrigado a visitar o Brasil, Porto Rico e Inglaterra. Vamos constatar como as viagens e desventuras no mar eram em simultâneo inspiração para um género literário e oportunidade para um missionário cumprir a sua vocação em territórios estrangeiros. Além disso, através das actividades de Spinola podemos escrutinar simultaneamente as missões cristãs nas Índias Portuguesa e Espanhola, assim como o *status quo* da Cristandade na Inglaterra do fim do século XVI. [Autor: Daniele Frison, pp. 86-107]

No Limiar do Japão: Gaspar do Amaral, a “Rede Jesuíta” e a Contribuição da Missão Japonesa e da Diáspora Japonesa na Implantação e na Expansão da Missão Jesuíta no Tonkin

Embora identificada e inventariada, a documentação designada “Jesuítas na Ásia” da Biblioteca Nacional do Palácio da Ajuda, em Lisboa, continua a revelar uma riqueza de novos documentos, que, se estudados cuidadosamente, podem contribuir para um melhor conhecimento da rede jesuíta na Ásia, no que diz respeito à organização e funcionamento das operações “multinacionais” lideradas pela Companhia de Jesus, tanto do ponto de vista económico como do ponto de vista espiritual e intelectual. Pela análise das redes comerciais marítimas cosmopolitas operadas entre o Japão, Macau e Tonkin nos séculos XVI/XVII, assim

como alguma correspondência Gaspar do Amaral (1594-1646), jesuíta português “esquecido”(não obstante ter sido reitor do Colégio de Macau, em 1640, provincial e visitador da província do Japão e da vice-província da China em 1644), podemos avaliar melhor o papel da missão no Japão (apesar das grandes dificuldades enfrentadas nas primeiras décadas do século XVII) e da diáspora japonesa no sul Ásia no estabelecimento, perseverança e até mesmo em alguns desenvolvimento da missão jesuíta no Tonkin no século XVII. [Autora: Dejanirah Couto, pp. 108-121]

O Primeiro Francês em Macau: O Jesuíta Alexandre de Rhodes (1591/93-1660)

Este artigo procura estudar os textos e a vida do jesuíta francês Alexandre de Rhodes em Macau. Reconhecido sobretudo pelo seu trabalho missionário no Vietname, Rhodes viveu mais de doze anos em Macau, dez continuamente entre 1630 e 1640, cumprindo funções docentes no Colégio de São Paulo e assumindo o importante cargo de “Pai dos Cristãos”, o sacerdote responsável pela educação dos neófitos. Pretende-se analisar a descrição escrita de Macau do jesuíta francês no contexto das suas viagens, representação da China e contradições religiosas vividas durante a sua estada no enclave macaense. [Autor: Ivo Carneiro de Sousa, pp. 122-144]

ABSTRACTS